



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**HELLEN LEANDRA OLIVEIRA DE MELO CARVALHO**

**REGIONALISMO GEOGRÁFICO SOB UMA PERSPECTIVA DIRECIONADA AO  
PRECONCEITO PRESENTE NA SOCIEDADE: QUAL A IMPORTÂNCIA DE  
TRATAR DO TEMA NAS ESCOLAS?**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

HELLEN LEANDRA OLIVEIRA DE MELO CARVALHO

**REGIONALISMO GEOGRÁFICO SOB UMA PERSPECTIVA DIRECIONADA AO  
PRECONCEITO PRESENTE NA SOCIEDADE: QUAL A IMPORTÂNCIA DE  
TRATAR DO TEMA NAS ESCOLAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (artigo)  
apresentado ao Departamento de Letras e Artes  
da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador(a): Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C331r Carvalho, Hellen Leandra Oliveira de Melo.  
Regionalismo geográfico sob uma perspectiva direcionada ao preconceito presente na sociedade [manuscrito] : qual a importância de tratar do tema nas escolas? / Hellen Leandra Oliveira de Melo Carvalho. - 2022.  
22 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Diversidade linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Regionalismo. I. Título  
  
21. ed. CDD 410

HELLEN LEANDRA OLIVEIRA DE MELO CARVALHO

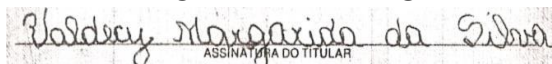
**REGIONALISMO GEOGRÁFICO SOB UMA PERSPECTIVA DIRECIONADA AO  
PRECONCEITO PRESENTE NA SOCIEDADE: QUAL A IMPORTÂNCIA DE  
TRATAR DO TEMA NAS ESCOLAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (artigo)  
apresentado ao Departamento de Letras e Artes  
da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em 29/03/2022


Nota: **10.0 (DEZ)**

**BANCA EXAMINADORA**

  
ASSINATURA DO TITULAR

---

**Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva – UEPB**  
(Orientadora)



---

**Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro – UEPB**  
(Examinadora)



---

**Profa. Dra. Paula Almeida de Castro – UEPB**  
(Examinador)

*Este trabalho é dedicado primeiramente a Deus. Sem a sua direção, a conclusão desta pesquisa não seria possível, pois a força e a coragem dada por Ele para que eu pudesse dar conta de tantas coisas ao mesmo tempo fez toda diferença. Todas as vezes em que pensei em abandonar o barco, Ele me mostrou o caminho para não desistir. Também, com muita gratidão no coração, dedico aos meus pais, os dois maiores incentivadores das realizações dos meus sonhos, que sempre estiveram comigo em todos os momentos, me encorajando e me dando o incentivo necessário para continuar.  
Dedico...*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 O regionalismo em seu conceito geral com enfoque voltado para o sotaque.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2 O preconceito linguístico e o papel da escola na sensibilização para o fenômeno.....</b>	<b>9</b>
<b>3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....</b>	<b>11</b>
<b>3.1 O domínio da norma culta como instrumento de ascensão na sociedade.....</b>	<b>13</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>16</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## **REGIONALISMO GEOGRÁFICO SOB UMA PERSPECTIVA DIRECIONADA AO PRECONCEITO PRESENTE NA SOCIEDADE: QUAL A IMPORTÂNCIA DE TRATAR DO TEMA NAS ESCOLAS?**

Hellen Leandra Oliveira de Melo Carvalho

### **RESUMO**

O presente artigo objetiva aprofundar os estudos sobre o regionalismo geográfico, visionando discutir os principais pontos de sua influência na sociedade. A partir disso, buscou-se discutir a importância de se observar e trabalhar o regionalismo com crianças no intuito de contribuir para a construção de uma sociedade que respeite as diferenças regionais. Ainda, pretendeu-se discutir o papel da escola e do professor no dever de firmar não só o conhecimento histórico e o acontecimento discursivo sobre o assunto, mas também de observar de fato o quanto influenciemos as crianças até mesmo o seu modo de falar. De modo geral, existe uma importância fundamental no papel da escola diante dessa evolução, tendo em vista que a mesma faz parte da vida e do desenvolvimento destas crianças. Neste sentido, a pesquisa parte de um estudo bibliográfico a partir das publicações de autores da área, tais como Smith(1988), Thrift (1996), Bagno (1999), Libâneo (2007), Silva (2012) e também de um estudo de caso feito com crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de ensino localizada no município de Fagundes (PB). Desta forma, o estudo se configura como uma pesquisa de base exploratória. A coleta de dados se deu através de vídeos em que crianças são estimuladas a ler frases específicas que nos fazem perceber a presença de sotaque na fala das mesmas o que nos fez refletir como o regionalismo está presente em nossa sociedade desde o nosso desenvolvimento enquanto ser humano, a partir da infância. Logo após, foi feita uma coleta de imagens na internet que retratam comentários que explicitam o preconceito enraizado existente quando se trata de regionalismo geográfico. Observa-se que, de modo geral, a reflexão sobre o tema faz-se necessário tendo em vista que o preconceito é algo comprovado em nossa sociedade, o qual precisa ser trabalhado desde a infância, a fim de que a criança cresça com a maturidade necessária para respeitar essas diferenças.

**Palavras-chave:** Diversidade linguística, Preconceito linguístico, Regionalismo.

### **ABSTRACT**

This article aims to deepen the study about geographic regionalism, aiming to discuss the points of its influence in society. From this, we sought to discuss the importance of observing e working regionalism with children in order to contribute to the construction of a society that respects the regional differences. Still, it was intended to discuss the role of the school and professor in the duty to establish not only historical knowledge and the discursive event on the subject, but also observe the fact how much we influence children, even their way of speaking. In general, there is a fundamental importance on the role of the school in the face of this evolution, considering that it is part of the life and the development of these children. In this sense, the research starts from bibliographic study based on publications by authors in this area, such as Smith

(1988), Thrift (1996), Bagno (1999), Libâneo (2007), Silva (2012) and also a case study made with children of the third year of the elementary school in a private school located in the city of Fagundes (PB). Thus, the study is configured as exploratory research. Data collection took place through videos in which children are encouraged to read specific sentences that make us notice the presence of accent in their speech, which made us reflect on how regionalism is present in our society since our development as human begins, starting in childhood. Soon after, we collected images on the internet that portray comments that make explicit the deep rooted prejudice when it comes to geographic regionalism. It observes that, in general, reflection on the theme is necessary, considering that prejudice is something proven in our society, which needs to be worked on since childhood, so that the child grows up with the necessary maturity to respect these differences.

**Keywords:** Linguistic diversity, Linguistic prejudice, Regionalism.

## 1 INTRODUÇÃO

Como se desenvolve o funcionamento discursivo das crianças a partir do aspecto regional? O sotaque surge através das nossas convivências a partir do nosso crescimento enquanto ainda crianças ou já quando estamos crescidos? Como despertar nas crianças o desejo de entender e querer praticar a empatia e o respeito diante das diferenças regionais apresentadas em seu convívio com a sociedade? Como inserir a escola na discussão sobre a variação linguística?

Neste trabalho, objetivou-se aprofundar os estudos sobre o regionalismo geográfico, visionando discutir os principais pontos de sua influência na sociedade. Neste sentido, discute-se a importância de se observar e trabalhar o regionalismo com crianças no intuito de contribuir para a construção de uma sociedade que respeite as diferenças regionais. Ainda, objetivou-se discutir sobre o papel da escola e do professor no dever de firmar não só o conhecimento histórico e o acontecimento discursivo sobre o assunto, mas também de observar de fato o quanto influenciemos as crianças até mesmo o seu modo de falar e que em todos os lugares existe a variação linguística. De modo geral, existe uma importância fundamental no papel da escola diante dessa evolução, tendo em vista que a mesma faz parte da vida e do desenvolvimento destas crianças. Neste sentido, a pesquisa parte de um estudo bibliográfico a partir das publicações de autores da área, tais como Smith(1988), Thrift (1996), Bagno (1999), Libâneo (2007), Silva (2012) e se configura como uma pesquisa exploratória realizada com crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de ensino localizada no município de Fagundes (PB).

A coleta de dados foi feita através de vídeos em que crianças são estimuladas a ler frases específicas, as quais nos fazem perceber a presença de sotaque na fala das mesmas. O principal objetivo desse estímulo, durante os vídeos é observar a maneira como as crianças entrevistadas leem as frases propostas, refletindo como o regionalismo está presente em nossa sociedade desde o nosso desenvolvimento quanto ser humano, a partir da infância. Após transcrever e constatar essa variação na fala das crianças, serão analisadas imagens coletadas das redes sociais que retratam comentários de ódio e que trazem a realidade explícita do preconceito enraizado existente quando se trata de regionalismo geográfico.



O presente artigo constitui-se de tópicos que abordam questões como "linguagem, cultura e sociedade" os quais se detêm a trabalhar a questão da construção intelectual tendo em vista as questões que norteiam o regionalismo e evolução da presença dele desde a nossa infância. Logo após, tendo como base estudos realizados pelos autores como Smith (1988), Thrift (1996) e Haesbaert (1999), dentre outros, foi analisada a presença do sotaque e a existência da diversidade cultural que causa o efeito do regionalismo em nossa sociedade. Além disso, através dos estudos realizados pelos autores Marcos Bagno (1999) e Libâneo (2007), foi discutido o preconceito linguístico e o papel da escola na sensibilização, a fim de nos fazer refletir o quanto é importante que nós, como professores, possamos ter um olhar especial quando se trata desse assunto, principalmente no âmbito escolar, ensinando a criança a lidar com as diferenças culturais e regionais, tendo em vista que lá é o lugar onde a criança cria raízes e referências para toda a vida.

Após trazer as questões que norteiam o regionalismo, o sotaque, a diversidade cultural e a educação, tomamos como base os estudos dos autores Weinreich, Labov e Herzog (1968), Silva (2012) e Perini (1996) para analisar a presença da variação linguística e também discutir sobre o domínio da norma culta como instrumento de ascensão na sociedade, de maneira que possamos refletir sobre o tema em questão e como docentes possamos desenvolver um trabalho que possibilite os sujeitos respeitarem todas as variações existentes no nosso país, sendo, assim, capazes de compreender os diferentes sotaques, o regionalismo e a diversidade cultural. Após a análise dos dados coletados, tecemos as considerações finais sobre a pesquisa.

## **2 LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE**

A região não é apenas uma construção intelectual, ela também é efetivamente construída pela atividade humana (SMITH, 1988). Ao falarmos e tentarmos entender de fato o que é o regionalismo, é preciso, primeiramente, compreender as informações básicas sobre o assunto em que o mesmo ocorre quando há um grupo de pessoas com particularidades de elementos linguísticos em uma localização geográfica delimitada e que geralmente origina-se de fatores históricos da cultura regional. Ou seja, através de uma construção intelectual e, também, através das atividades humanas realizadas historicamente, sendo o dialeto uma de suas principais formas de expressão e o que de fato as diferenciam umas das outras. Além do dialeto temos o sotaque, o qual também é um elemento de peso considerável. A partir dessa reflexão e tendo em vista a afirmação de Smith (1988), surge o questionamento: o sotaque surge através das nossas convivências a partir do nosso crescimento enquanto ainda crianças ou o adquirimos quando já estamos crescidos?

Neste tópico, o qual será dividido em dois sub tópicos, serão abordadas as questões que norteiam o regionalismo, o sotaque, a diversidade cultural e a educação, tendo como base estudos dos autores como Thrift (1996) e Haesbaert (1999) os quais, através deles, será analisado a presença do sotaque e a existência da diversidade cultural que causa o efeito do regionalismo em nossa sociedade, a fim de refletir sobre o modo como lidamos com as diferenças existentes quando se trata das características regionais. Além disso, através dos estudos realizados pelos pesquisadores como Marcos Bagno (1999) e Libâneo (2007), abordaremos o preconceito linguístico e o papel da escola na sensibilização dos sujeitos quando o assunto é diversidade linguística, a fim de refletir o quanto é importante que nós, professores possamos ter um olhar sensível quando se trata desse assunto.

Especialmente no âmbito escolar ensinando a criança a lidar com diferenças de todos os tipos, como as de cunho culturais e regionais.

## 2.1 O regionalismo em seu conceito geral com enfoque voltado para o sotaque

Thrift (1996) afirma que “a região está se fragmentando, tornando-se não tão desorganizada (...) quanto deslocada nos termos em que costumamos considerar regiões como áreas contínuas e demarcadas” (p. 239). Levando em consideração essas fragmentações, ocorrem as diversidades as quais passam a ser apresentadas por cada falante de diferentes regiões. As palavras usadas por alguns deles podem não fazer tanto sentido para o outro, tendo em vista que apresentam em sua essência cultural as denominadas “diversidades”. Porém, se levarmos em consideração o linguajar utilizado por uma criança a partir dos seus sete/oito anos de idade, em que está em processo de cognição mais “avançado” enquanto criança com relação à fala, surge o questionamento: é possível observar tão minimamente traços relacionados ao regionalismo, bem como o sotaque da região a qual a mesma está inserida? Sobre esta questão, Haesbaert afirma:

Fica evidente a relevância dos estudos regionais e a necessidade permanente de analisar a produção da diversidade territorial, seja região ou outro o nome que dermos para os recortes que ela produz. Porque mais do que avaliar um conceito o que importa é reconhecer a natureza dos novos-velhos processos que constroem o espaço geográfico, neste jogo indissociável entre desigualdade e diferença a primeira, centro da geografia marxista, a segunda, fundamento de uma geografia pós-moderna e/ou pós-estruturalista. (HAESBAERT, 1999, p. 36)

Haesbaert (1999) explica em sua afirmação o quanto é importante haver um estudo sobre as diversidades existentes em nossa sociedade e os processos que aconteceram ao longo dos anos. Sabemos que, conforme foram acontecendo as mudanças em nossa sociedade e as divisões territoriais, aconteceram também as distinções de cultura, o que acabou se atrelando ao modo de falar e ao sotaque, conseqüentemente gerou um certo “preconceito”, tendo em vista que o SER DIFERENTE numa sociedade que vive de padrões não é algo visto como “normal”. Com base nisso, devido às diversidades as quais são apresentadas por cada falante de diferentes regiões, as palavras usadas por algum deles podem não fazer tanto sentido para o outro o qual faz parte de um ciclo cultural e regional diferente.

É chamado de “sotaque”, normalmente, as diferenças de pronúncia. Observando isto, é possível afirmar o óbvio: os sotaques são inevitáveis, porque constituem traços identitários das comunidades de fala, ainda mais sabendo da amplitude territorial que o Brasil possui. Entender que essa amplitude tem como a principal causa do preconceito linguístico que se estabelece pelo fato de existir a crença de que só existe um tipo “certo” de expressão e as pessoas que não se encaixam no “padrão” estabelecido são vistas como “erradas” e podem, por consequência, serem vítimas de preconceito linguístico por parte de uma sociedade que vive alienada e presa a padrões equivocados.

A diversidade cultural no Brasil é indiscutível pois sabe-se que praticamente em cada território do país existem culturas, costumes e expressões diferentes enraizadas por determinados grupos. A ignorância por parte da nossa sociedade implica numa série de problemas sociais, pois essa diversa formação cultural gera a

exclusão social e com isso apresenta-se um fator de exclusão que se manifesta, majoritariamente, por meio da diferença entre as diversas culturas como as citadas anteriormente, que formam a população brasileira. Além disso, temos o preconceito linguístico que tem sido algo extremamente recorrente devido a falta de educação e conhecimento por parte de uma grande maioria dos brasileiros. Esse tipo de atitude se dá em função de uma série de fatores que surgiram em diversos setores da sociedade como a família, a mídia e os diversos grupos sociais. A própria escola também responde pela propagação desse tipo de preconceito. O fato de silenciar e não realizar um trabalho sério no combate ao preconceito linguístico faz com que a atitude dos sujeitos se perpetue. De alguma forma, somos todos "vítimas" de um sistema falho que não está preocupado em formar cidadãos conscientes e prontos para lidarem com as diversidades.

## **2.2 O preconceito linguístico e o papel da escola na sensibilização para o fenômeno**

Na obra "preconceito linguístico" de Marcos Bagno (1999), nota-se que o autor esclarece a questão do "O círculo vicioso do preconceito linguístico". Este círculo ao qual ele se refere é composto por três elementos: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos, os quais são formados por meio da gramática tradicional que fazem com que as práticas de ensino realizadas nas escolas acabem seguindo este padrão.

Para que a desconstrução do preconceito linguístico ocorra é necessário o reconhecimento da crise que afeta o ensino da língua portuguesa. O ensino da norma culta é visto como "verdade absoluta", fazendo com que haja um bloqueio na livre expressão do aluno, pois ele se preocupará em falar "certo" e o conseqüentemente, irá se abster de suas habilidades linguísticas. Visando isso, Bagno (1999) analisa cuidadosamente os aspectos encontrados no ensino da língua pelos professores e constata que há, de fato, uma certa deficiência em relação a isso, pois os professores tentam aplicar assuntos baseados na linguística e não apenas na gramática normativa. Porém, eles precisam de um suporte que os permitam trabalhar questões tão sensíveis como essas, o que não acontece, porque como foi dito anteriormente, os livros didáticos estão presos apenas ao uso da norma culta e para que houvesse essa movimentação e aplicação, seria necessário que todos trabalhassem em um só propósito e com a mesma preocupação. Isso só não ocorre, porque o "novo" assusta, afeta as estruturas do "poder". Existe uma crise no sistema escolar. É tão fato isso que o sistema educacional brasileiro é classificado entre os piores do mundo, o que é preocupante, porque não se vê nenhuma movimentação plausível para que isso mude.

Bagno (1999) propõe o fenômeno fonético chamado de palatalização como justificativa para a variação oral das palavras, através do qual um segmento fônico muda o seu ponto de articulação. Ou seja, tendo em vista cada lugar, o acontecimento desse fenômeno é inevitável, e de fato podemos ver essas diferenças de maneira "gritante" sob cada região.

Se fôssemos fazer comparações relacionadas à sotaques e linguajar de localidades distintas do próprio Nordeste, veríamos o quanto existem diversidades numa mesma região. Paraíba, Pernambuco, Ceará e Bahia, são algumas das localidades as quais apresentam mais diversidades entre si, tanto com sotaques, quanto com o próprio linguajar. Cada localidade possui uma peculiaridade em sua cultura, seu sotaque, linguajar, gírias, etc.

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão. Todo personagem de origem nordestina é sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar riso. (BAGNO, 1999, p. 46).

Com essa fala de Bagno (1999),<sup>1</sup> pode-se ter uma noção do choque cultural existente e do quanto a região Nordeste, com sua fala marcada, seu jeito peculiar de trazer a cultura através da própria fala, é caracterizada no meio artístico de maneira errônea, trazendo para o telespectador uma imagem de um nordeste sempre em “atraso”, como pessoas incapazes de chegar no “nível” do Sudeste, por exemplo; região apresentada como símbolo do desenvolvimento, do crescimento. Tal pensamento acaba sendo retratado na mídia fazendo com que a história e a cultura do nordeste sejam inferiorizadas, descredibilizadas, deixando, assim, a região nordestina a “mercê” das pessoas que nunca tiveram acesso à esta cultura, a acreditarem naquilo que estão vendo e criarem um certo “preconceito” por apenas assistirem algo sem saber ao todo como realmente é. Isso afeta de maneira “gritante” a maneira como a sociedade que não foi educada da maneira adequada vê essa diversidade. O preconceito regional é o resultado da falta de conhecimento sobre as riquezas de cada região.

A televisão foi um veículo de comunicação muito valorizado pela ditadura militar para promover a inserção ideológica do Brasil. Com isso, o país se tornou um dos que apresentam a maior cobertura televisiva do mundo. Praticamente toda residência brasileira tem uma televisão, mesmo as mais pobres e mais afastadas dos grandes centros urbanos. Como meio importante em que trabalhava juntamente com o ideológico da ditadura, a mídia se tornou essa potência predominante que é ainda hoje, apesar de que já vem sofrendo a concorrência por meio da internet. O padrão da mídia ajuda a impregnar o preconceito. Obviamente que ele já existia desde sempre, como acontece em todos os lugares do mundo: a língua do poder central (padronizada), se identifica como a língua de quem detém a riqueza e é sempre considerada a boa e a bonita, enquanto todo o resto que não se enquadra nos padrões estabelecidos, são entendidos como “errado”.

Daí a parte necessidade de se ampliar o conhecimento das crianças com relação ao regionalismo e também destacar a importância do papel da escola, tendo em vista que esta possui uma parcela fundamental no processo de construção e reconstrução dos valores sociais para que as crianças aprendam a lidar com estas diferenças regionais que passaram a existir ao longo da vida.

Segundo Libâneo (2007), são três os objetivos da escola: (1) “a preparação para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional; (2) formação para a cidadania crítica e participativa; (3) formação ética”. Em relação ao primeiro objetivo, entende-se que a escola deverá preparar o indivíduo para o mundo do trabalho, inseri-lo no meio tecnológico, capacitá-lo para a compreensão e uso das novas tecnologias, bem como promover a sua formação sociocultural. O segundo objetivo tem-se em mente que é voltado para a formação de um aluno capaz de

---

<sup>1</sup> Marcos Bagno tem graduação em Letras (Bacharelado em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal de Pernambuco (1991), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2000). É professor Associado do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). É colaborador do Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Tradução, Sociolinguística e ensino.

exercer a cidadania, compreendendo os seus direitos e também a aplicar os direitos de cada indivíduo, ser crítico e participar dos processos de transformação da sociedade, se posicionando, opinando, e interferindo positivamente. Por último, o terceiro objetivo aponta para uma formação ética, que compreenda os valores morais, a ideia de limites, certo e errado. A partir deste pensamento, podemos ter um campo de visão maior quanto ao nosso espaço enquanto educadores para com o crescimento e desenvolvimento da criança enquanto ser na sociedade, fazendo-a compreender que ela não precisa estar dentro ou fora de algum padrão imposto, ela só precisa aceitar e entender a diferença como algo que a ajude a evoluir como pessoa e como ser pensante capaz de lidar com qualquer diversidade.

Para Freire (2005b), não se exercita a tolerância no isolamento da própria verdade, ou seja, a partir do momento em que o educador vira seus olhos para a realidade em que se vive, principalmente quando se trata da intolerância cultural, e se detém em apenas repassar o conteúdo previsto nos livros didáticos, ele está sendo conivente com a intolerância já implantada na sociedade. Neste sentido, a escola precisa ser a ponte que dá início a esse um de ação para realizar as atividades que buscam melhorar a aprendizagem dos estudantes e o convívio respeitoso entre todos(as). Esse processo precisa ocorrer a partir de atividades com recursos como textos, documentários e vídeos que tragam para os alunos a consciência necessária para aprenderem mais sobre o assunto e como encarar a diversidade como algo normal que faz parte de todas as culturas.

### **3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Os estudiosos Weinreich, Labov e Herzog (1968) enfatizaram a capacidade do falante em lidar com essa heterogeneidade do sistema sem comprometer a eficácia da comunicação linguística, ou seja, a diversidade existente entre os falantes, seja de uma mesma região ou não, mesmo tendo sua própria cultura e modo de falar, não interfere no que é mais importante, a compreensão do que se fala. Segundo Silva (2012), esse ajuste da competência linguística do falante à heterogeneidade da língua é apontado então como um fato empírico importante na sustentação da concepção de língua da sociolinguística, a qual é responsável por trazer as diversidades existentes na língua falada como algo normal, o qual não deveria ser motivo de preconceito. Vistas sob esse ponto de vista, as variáveis contextuais, estilísticas, etárias, sociais se inserem nas regras de competência e não são consideradas como fenômeno de desempenho.

Ainda, tendo como base os estudos de Silva (2012), a capacidade desenvolvida no que diz respeito ao falante poder lidar com a diversidade linguística é algo interessante e importante quando colocamos em evidência o modelo da sociolinguística, pois a mesma oferece um sistema heterogêneo sobre o qual o falante atua de acordo com as disposições estruturadas em que a prática linguística se atualiza, o que faz com que ele se adeque ao ambiente e torne-se produto do meio em que está inserido. Desta maneira, o falante, numa determinada circunstância, seleciona, de forma mais ou menos consciente, uma dentre as variantes concorrentes na estrutura linguística.

Como já vem sendo reforçado durante todo o texto, a opção do falante pode variar conforme a situação a que esteja exposto, pois a sua escolha é determinada, por exemplo, pela intenção do falante de facilitar a sua aceitação em um determinado ambiente ou segmento social, ou pode resultar também da aceitação ou negação de um padrão linguístico imposto institucionalmente, ou característico de um outro grupo

social. Para Labov (1972, p. 3), não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da visão social da comunidade em que ela ocorre, ou seja, para entender a maneira como determinada pessoa fala ou dialetos que ela utiliza, é necessário compreender o meio social em que ela vive e convive, o que mais uma vez confirma a necessidade de não nos prendermos aos padrões.

Ao afirmarmos que as pessoas sem instrução sempre falam “errado” estamos limitando a língua, estamos totalmente equivocados e atuando com preconceito linguístico. Precisamos ter em mente que essas pessoas falam de acordo com a sua realidade ou de acordo com as características da sua comunidade local. Porém, conseguem se comunicar e transmitir a mensagem a qual querem falar e não é a falta do “r” ou do “s” no final das palavras que vão alterar isso.

Bagno (1999) afirma que a língua funciona como uma partitura musical a qual cada instrumentista vai interpretá-la de um modo particular. Tendo em vista esse pensamento, podemos perceber que não se trata de “FALAR ERRADO” e sim de levarmos em consideração a interpretação do que é falado, independentemente se a forma como foi dito está em conformidade com a norma culta da língua ou com os dicionários, tendo em vista que a língua é algo que está em constante evolução e pode variar dependendo do contexto no qual a mesma é utilizada. Nessa linha de pensamento, podemos levar em consideração os questionamentos realizados por Bagno (1999) o qual ao fazê-los cita exemplos claros os quais ele mesmo responde quando diz: “sobre as plantas só existem porque os livros de botânica as descrevem? É claro que não. Os continentes só passaram a existir depois que os primeiros cartógrafos desenharam seus mapas? Difícil acreditar. A Terra só passou a ser esférica depois que as primeiras fotografias tiradas do espaço mostraram-na assim? Não. Sem os livros de receitas não haveria culinária? Eu sei muito bem que não.”

Assim, Bagno (1999) não menospreza os livros, mas ele traz à tona a importância de valorizarmos as vivências que vieram antes deles e entendermos que que mesmo sem a "instrução" passada nas escolas através dos livros, as pessoas conseguem se comunicar com competência no dia a dia.

[...] não existe nenhuma variedade nacional, regional ou social que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. [...] Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. (BAGNO, 1999, p. 64)

Levando em consideração a afirmação de Bagno (1999), é possível compreender que as variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação. Cada região tem sua particularidade. Sendo assim, é compreensível que seus falantes a estabeleçam de acordo com suas necessidades comunicativas do ambiente em que estão. Ensinar isso em sala de aula faz total sentido para o desenvolvimento da criança enquanto "ser pensante", até mesmo porque além de educar e ensiná-la a não ser uma criança (e futuro adulto) preconceituosa, ainda vai torná-la um ser capaz de se comunicar nas diversas situações em que ela se deparar com essa diferença.

Perini (1996) chama a atenção para o que ele denomina de “propaganda enganosa” contida no mito de que é preciso ensinar gramática para aprimorar o desempenho linguístico dos alunos:

Quando justificamos o ensino de gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. Os alunos percebem isso com bastante clareza, embora talvez não o possam explicitar; e esse é um dos fatores do descrédito da disciplina entre eles. (PERINI, 1997, p. 50-51)

Este fato precisa ser levado em consideração quando formos pensar o ensino nas escolas, principalmente nas séries iniciais, pois trata-se de uma fase crucial para o desenvolvimento das crianças tanto no aprendizado quanto psicologicamente, pois ao aderir em sua mente essa “propaganda enganosa” citada por Perini (1996), elas podem, a partir daí, desenvolver o preconceito linguístico, criando assim outras possibilidades para outros tipos de preconceitos.

Levando em consideração os estudos de Bagno (1999) e de Perini (1997) pode-se ter grandes ganhos pedagógicos, especialmente no que diz respeito a aplicar o conhecimento sobre as variações linguísticas regionais existentes no nosso país, formando, assim, a partir desta prática, um aluno crítico e pesquisador na escola. É preciso discutir "como introduzir uma educação linguística na escola", estimulando no aluno a curiosidade de querer investigar e através do interesse, entender as dimensões e variações da língua.

### **3.1 O domínio da norma culta como instrumento de ascensão na sociedade**

Um questionamento importante levantado por Bagno (1999) foi sobre o fato de “se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta.” Como bem sabemos nós, a verdade está muito longe disso. O domínio da norma culta nunca foi e nunca será um fato de definição no que diz respeito à condição social. Se fosse assim, os professores, a quem são pagos alguns dos salários mais “obscenos” de nossa sociedade, deveriam ser os mais bem pagos e ter uma das melhores posições sociais.

Bagno (1999) ainda acrescenta que “por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar. O que estou tentando dizer é que o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto.” Para essas pessoas, não importa se elas dominam ou não a norma culta, para elas o que interessa é conseguirem se comunicar. Porém, infelizmente, a sociedade impõe esse “padrão” no qual o indivíduo que não o segue, deve ser excluído, mal visto ou digno de preconceito nos lugares em que passar, pelo simples fato de falar “diferente” do que é imposto por eles. Sobre isso, Bagno (1999) afirma:

Como é fácil perceber, o que está em jogo não é a simples "transformação" de um indivíduo, que vai deixar de ser um "sem língua padrão" para tornar-se um falante da variedade culta. O que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige

desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a "ascensão" social dos marginalizados é, senão, hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção hipócrita e paternalista (Bagno, 1999, p.71).

A verdade é que a norma culta é considerada a principal variação da língua portuguesa falada no Brasil e a que mais se aproxima da norma padrão, ou seja, da gramática. Mas, em termos gerais, a norma culta não tem relação direta com preconceito linguístico, até mesmo porque ela é estabelecida para que tenhamos "controle" no que diz respeito às situações que exigem o uso dela. Porém, a partir do momento em que ela é considerada no meio social como a maneira "correta" de falar português, essa relação se afunila, causando, então, uma "bolha" em que só quem entra é quem a domina. Daí, então, é inevitável a existência do preconceito linguístico.

Em um país tão diverso quanto o Brasil, existem inúmeras variações linguísticas e essas se caracterizam como peculiaridades da língua em cada região, até mesmo por questões culturais. Por exemplo, quando utilizamos as palavras "oxente", "vixe" e "oxe" para nos referir a diversas situações ocorridas no cotidiano, estamos a utilizar uma variação nossa, do Nordeste e que para nós faz sentido pois faz parte da nossa cultura e da nossa variação linguística. Portanto, "acusar" uma variação linguística de erro revela a crença de que os regionalismos podem ser hierarquizados, gerando, então, uma desigualdade desnecessária e de certa forma equivocada. Por exemplo, ao dizer que "macaxeira" está errado e que o correto seria dizer "aipim ou mandioca" significa acreditar que a variação linguística falada no norte e no nordeste do país vale menos do que aquela falada no sul e sudeste. Ou seja, a partir do momento que não entende-se que a língua é mutável e que ela sempre vai se adaptar dependendo de influências culturais e tecnológicas, trata-se de preconceito linguístico.

O fim do preconceito linguístico depende de muitas forças que precisam se unir nesse propósito, especialmente a escola em conjunto com o vínculo familiar da criança, a fim de promover uma reconstrução social de alguns conceitos que norteiam este campo a partir dos seus vínculos mais próximos. Para combater o preconceito, dentro de sala de aula, por exemplo, existe uma alternativa para o ensino da norma culta, que é a adequação linguística, mostrando aos alunos que não existe maneira mais certa e/ou mais errada de falar, mas existem maneiras adequadas dependendo do contexto em que as pessoas se encontram. Se estamos falando em uma situação formal, como uma apresentação de trabalho, como uma entrevista de emprego, o adequado seria o uso da linguagem padrão (a chamada norma culta), já em situações do dia a dia, o ensinado seria com a linguagem coloquial, ou seja, essa pode ser uma maneira de também ensinar a norma padrão de linguagem. Porém, sem tirar a importância de entender as variações linguísticas existentes no país.

É exatamente isso que o Marcos Bagno (1999) discute em sua obra "preconceito linguístico. Segundo o autor, não existe uma maneira correta de falar, cada pessoa desenvolve o seu léxico de acordo com o seu desenvolvimento e de acordo com o meio em que ela vive. Para o pesquisador, não cabe a um sistema decidir o que é CERTO e o que é ERRADO linguisticamente falando. Cabe ao falante entender que há situações em que ele precisará se adequar ao ambiente. Porém, a partir do momento em que esse determinado falante não tem acesso a essa educação de falar adequadamente em determinados ambientes, temos outro viés em que entra o velho ditado popular que diz "o seu direito termina onde começa o do outro". Então, as pessoas que estão nesse ambiente precisam exercer a consciência de que além



da pessoa não conter instrução suficiente para se adequar ao ambiente, ela ainda possui traços linguísticos do ambiente ao qual ela pertence.

## **4 METODOLOGIA**

O estudo se configura como uma pesquisa qualitativa de base exploratória e tem a finalidade de analisar a principal característica regional existente da sociedade, o sotaque. De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória tem por objetivo aprimorar hipóteses, validar instrumentos e proporcionar familiaridade com o campo de estudo. Constitui a primeira etapa de um estudo mais amplo e é muito utilizada em pesquisas cujo tema foi pouco explorado, podendo ser aplicada em estudos iniciais para se obter uma visão geral acerca de determinados fatos que é o caso da presente pesquisa, tendo em vista que um dos objetivos é reafirmar a presença do regionalismo e também dos preconceitos atrelados a ele.

Além disso, segundo Creswell (2010), na investigação qualitativa as estratégias escolhidas têm enorme influência sobre os procedimentos. O pesquisador pode estudar o(s) indivíduo(s), explorar processos, atividades e eventos ou aprender sobre comportamento da cultura de indivíduos ou grupos. Para Demo (1995, p. 32), a pesquisa qualitativa mira nos “[...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”, pois destaca a interpretação do objeto, levando em consideração o contexto pesquisado.

Como objeto empírico, foram feitos vídeos para o registros das entrevistas com as crianças selecionadas e além do estudo executado através dos vídeos, também foram realizadas pesquisas de registros de comentários feitos nas redes sociais os quais trazem mais uma comprovação do quanto o preconceito ainda é vigente em nossa sociedade, mesmo estando em um país no qual a diversidade cultural é ampla e que essas diferenças deveriam já serem vistas como algo normal no nosso meio.

### **4.1 Procedimentos para a coleta de dados**

A partir da ideia principal da pesquisa em questão, foram feitos vídeos com os alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental com idades que variam entre 8 a 9 anos de uma escola particular localizada no município de Fagundes, na Paraíba. Ao realizar a pesquisa, foi solicitado que os alunos lessem 5 (cinco) frases as quais trazem em sua pronúncia pontos estratégicos para a identificação do sotaque dos mesmos. As frases apresentadas para a leitura, foram:

Frase 1: Continuem deixando a esquerda livre nas escadas rolantes.

Frase 2: Mas também não precisa correr tanto!

Frase 3: Sair na rua de chinelo não mata, pode tentar tranquilo!

Frase 4: No pacote está escrito biscoito.

Frase 5: Esqueci o isqueiro na esquina esquerda da escola.

O objetivo principal com a leitura das frases foi analisar como é a pronúncia de cada aluno, a fim de observar a presença do sotaque ou regionalismo. Após a análise das pronúncias e dos sotaques, pesquisamos nas redes sociais posicionamentos relacionados ao tema, os quais comprovam o preconceito regional e linguístico existente na sociedade tendo em vista o regionalismo geográfico.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreendendo a importância de analisar as variações através de um campo de pesquisa e conhecer previamente a maneira de falar de um determinado grupo de sujeitos, este trabalho teve como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa exploratória que foi realizada com um grupo de crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental. Nesta ocasião, a pretensão foi aplicar instrumentos de geração de dados no sentido de apreciar estes recursos metodológicos com os próprios sujeitos da pesquisa, no caso, utilizando frases as quais possibilitaram a identificação dos dados requisitados através das pronúncias realizadas pelos indivíduos. Para tanto, foi elaborado um plano de pesquisa, preparados os instrumentos (câmera para a realização da filmagem), aplicado e avaliado com os alunos supracitados.

Os instrumentos que ora tratamos são: lista de frases, análise de fala e observações destinadas aos alunos da Educação Básica da rede privada do município de Fagundes no estado da Paraíba, atuantes nos Anos iniciais do Ensino Fundamental. Optei pela metodologia de natureza qualitativa, pois entendemos que o pesquisador busca compreender o processo social da problemática do seu estudo sendo (re)direcionado e avaliado ao longo de seu desenvolvimento.

Para ouvir a pronúncia de cada aluno, a pesquisadora o cumprimentava com um boa tarde e solicitava gentilmente que se apresentasse e fizesse a leitura das frases. Foram selecionados 5 vídeos para a transcrição, os quais apresentaram a presença de marcas de sotaque na fala de cada criança conforme segue:

### **Aluno X1:**

Frase 1: Continuem deixando a esquerda livre nas escadas rolantes.

Frase 2: Mais também não precisa corrê tanto!

Frase 3: Sai na rua de chinelo não mata, pode tentá tranquilo!

Frase 4: No pacote tá escrito biscoito.

Frase 5: Esqueci o isqueiro na esquina esquerda da escola.

Na pronúncia da primeira frase, nota-se que o(a) aluno(a) tenta se adequar ao ambiente, no caso, como está sendo filmado(a), tenta ler de maneira mais formal. Porém, a partir da segunda frase percebe-se que ele(a) "esquece" que está nessa situação de entrevista e começa falar com o sotaque regional o qual faz com que ele(a), acrescenta o "i" na palavra "mas" e retire o "r" da palavra "correr". Na terceira frase ele novamente retira o "r" da pronúncia das palavras "sair" e "tentar", o que também não altera o entendimento da frase. Na quarta frase, o(a) aluno(a) novamente traz traços regionais em sua pronúncia. Ele(a) reduz a palavra "está" para "tá" e na quinta frase, houve a pronúncia de acordo com a norma, não alterando nem a palavra e nem o sentido da frase. O que nos comprova que, de fato, a criança possui sim sotaque e variedade linguística desde cedo pelo fato de ser produto do meio em que está inserida e que a maneira como as pessoas falam ou pronunciam as palavras não muda o sentido delas, como bem defende Bagno (1999) e também como foi discutido ao longo do texto.

### **Aluno X2:**

Frase 1: Continue (era para ser no plural) deixando a isquerda livre nas escadas rolantes.

Frase 2: Mais também não precisa correr tanto!

Frase 3: Sair na rua de chinelo não mata, pode tentar tranqilo!

Frase 4: No pacote está escrito biscoito.

Frase 5: Esqueci o isqueiro na esquina esquerda da escola.

Com o(a) aluno(a) X2, logo na primeira pronúncia percebe-se que o(a) mesmo(a) não se preocupa em se "adequar" à situação. Ele(a) lê a primeira frase da sua maneira, primeiramente ele(a) pronuncia a palavra "continuem" no plural e logo após, pronuncia a palavra "esquerda" como se houvesse um "i" na escrita, o que não fez diferença alguma para o sentido completo da frase. Na segunda frase, assim como o(a) aluno(a) X1, o(a) aluno(a) X2 também acrescentou o "i" no "mas". Na terceira frase, o(a) aluno(a) retira o "u" da pronúncia do "tranquilo" no final da frase, trazendo um som diferente da pronúncia da palavra, porém, não alterando o sentido da mesma. Na quarta e na quinta frases o(a) aluno(a) pronuncia as palavras de acordo com a norma padrão.

Diante do que está sendo observado através das falas das crianças, se fôssemos levar em consideração a padronização e o preconceito, impregnado na própria cultura da sociedade, veríamos que é algo que já é marcante em nosso meio, como o próprio Bagno (1999) explica no terceiro mito descrito em sua obra "preconceito linguístico": "O Português é muito difícil". Consequentemente, os aspectos e a existência de uma gramática própria e universal, cria a ilusão de que a língua nativa é uma tarefa impossível de ser totalmente utilizada pela nação pois o "padrão" é a única linguagem a ser considerada. Resultante desse pensamento é o fato de as pessoas privarem-se quanto à utilização de elementos existentes no seu próprio idioma e cultura, o que não acontece com as crianças dos vídeos analisados neste estudo. Porém pessoas adultas que sofrem preconceito constantemente no que diz respeito à sua fala, acabam levando esse "temor" ao falar com pessoas que de certa forma possui um domínio da norma culta. Segundo o autor, o uso da norma culta torna-se um privilégio para poucos e em razão disso, é mantido como "status quo", diante das classes que possuem maior poder econômico, desclassificando assim, a multicultural regional existente no país.

#### **Aluno X3:**

Frase 1: Continue deixando a esquerda livre nas escadas rolantes.

Frase 2: Mais também não precisa correr tanto!

Frase 3: Sai na rua de chinelo não mata, pode tentá tranqilo!

Frase 4: Nu pacote está escrito biscoito.

Frase 5: Erqueci o isqueiro na isquina esquerda da escola.

Na primeira frase, com o(a) aluno(a) X3, nota-se que há semelhança com a pronúncia do(a) aluno(a) X2, pois o(a) mesmo(a) não usa o plural da palavra "continuem", reafirmando mais uma vez o que vem sendo defendido em todo o artigo em questão: não há uma maneira correta de falar, desde que a compreensão seja possível, cada falante tem a sua característica cultural e linguística de se expressar. Na segunda frase, percebe-se que existe um "padrão" de pronúncia entre os alunos, já que mais uma vez a palavra "mas" foi pronunciada com o acréscimo do "i", fazendo-nos perceber que nestas crianças existe uma marca regional. Na terceira frase reafirma-se isso, pois o "padrão" se repete, a palavra "sair" é pronunciada sem o "r". Na quarta frase o(a) aluno(a) pronuncia a palavra "no" como o som de "u" no final e na quinta há uma diferença entre os outros alunos na maneira como ele pronuncia a palavra "esqueci", pois ao pronunciar, ele traz o som de "r" no lugar do "s", também vale ressaltar que não houve mudança de sentido na frase.

Apesar dos alunos não estarem falando de acordo com a norma culta, nota-se que não existe a alteração de sentido, o que nos faz refletir sobre o quarto mito defendido por Bagno (1999): “As pessoas sem instrução falam errado”. Esse pensamento surge de uma análise ligada a uma tríade, a qual é implantada dentro da própria escola, destacando na mesma os aspectos da gramática e o dicionário como manual de significados. Sendo assim, o desconhecimento total e temporário das variações orais acaba ocorrendo, e em desvantagem está a diversidade cultural que existe no espaço geográfico tendo em vista que a bagagem trazida pelos estudantes acaba não sendo levada em consideração.

Segundo Bagno (1999), os fenômenos linguísticos, como por exemplo, a palatalização, poderiam alterar o entendimento de uma fala normal, e ser considerada como “feia,” ou até mesmo “errada.” Por sua vez, acaba provocando um jogo de questões, não em foco da língua falada, mas do indivíduo que se ocupa em falar essa língua, gerando assim, o velho e conhecido preconceito.

**Aluno X4 :**

Frase 1: Continue deixando a esquerda livre nas escadas rolantes.

Frase 2: Mais também não precisa correr tanto!

Frase 3: Sair na rua di chinelo não mata, pode tentar tranquilo!

Frase 4: Nu pacote está escrito biscoito.

Frase 5: Esqueci o isqueiro na esquina esquerda da escola.

Com o aluno X4, ocorre o padrão já observado nos outros alunos, a faltam de plural da palavra "continuem" da primeira frase e também ocorre o acréscimo do "i" na palavra "nas". Na segunda frase segue a utilização do "mas" com o acréscimo do "i" no final. Na frase três, na palavra "de" o aluno trocou o "e" pelo "i". Na quarta frase em semelhança com o aluno X3, o(a) aluno(a) X4 pronuncia a palavra "no" como o som de "u" no final e na quinta frase ele faz a pronúncia de acordo com a norma padrão.

No sétimo mito abordado por Bagno (1999) em sua obra: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” , percebe-se que o autor traz uma denúncia no que diz respeito a presença de mecanismos ideológicos implantados nas escolas, as quais acabam agindo através da imposição de normas gramaticais conservadoras no ensino da língua, esquecendo-se, assim, das variações lingüísticas citadas anteriormente, presentes em nosso imenso país, e de que não há, de forma alguma, uma língua portuguesa falada de maneira “correta”, o que comprova isso, é o fato da próprias crianças mesmo LENDO as frases, as leem de sua maneira, não levando em consideração a norma padrão.

**Aluno X5:**

Frase 1: Continuem dexano a esquerda livre nas escadas rolantes.

Frase 2: Mais também não precisa correr tanto!

Frase 3: Sair na rua dê sandalho (chinelo) não mata, pode tentar tranquilo!

Frase 4: Nó pacote está escrito biscoito.

Frase 5: Isqueci o isqueiro na esquina esquerda da escola.

Com o(a) aluno(a) X5, nota-se algumas particularidades na pronúncia de algumas palavras, pois diferente dos outros alunos, ele(a), pronuncia a palavra "deixando" da primeira frase, retirando o "d" da palavra, outra questão também que

me chamou a atenção, foi que, mesmo ele(a) lendo a palavra "chinel" na frase três, ele(a) pronunciou a palavra que provavelmente usa em seu cotidiano "sandálio", mas mesmo fazendo essa alteração no corpo da palavra, o aluno ainda conseguiu manter o sentido da frase.

Para Bagno (1999), “é necessária uma ortografia única para toda língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito”. Assim, vê-se que a importância da escrita é transmitida distorcidamente por muitos docentes, como se a maneira de escrever fosse a forma correta de falar a língua, cancelando os fenômenos de variações linguísticas. Sob esse viés, observando as falas dos alunos, nota-se a ocorrência deste fato, tendo em vista que mesmo tendo em mãos as frases escritas de acordo com a norma padrão da língua, eles leem na sua própria maneira, em especial este aluno, o qual além de ler da sua maneira e com as características regionais, ainda alterou uma das palavras e mesmo havendo essa alteração de palavras, não houve a mudança de sentido.

Portanto, analisando de modo geral as falas dos alunos ao lerem as frases propostas, percebe-se que existem várias marcas de regionalismo na maneira como eles falam e também de sotaque na pronúncia, como por exemplo nas palavras: “mas” a qual os alunos pronunciam sempre “mais”, “deixando” pronunciada como “dexano”, “esqueci” pronunciada como “isqueci”, “sair” pronunciada como “sai” (com a falta do “r”), dentre várias outras. Isso dá-se ao fato comprovador de que eles são realmente produto do meio em que convivem e conseqüentemente isso reflete no modo como eles falam, trazendo, assim, a presença do sotaque e da variação linguística conforme vem sendo defendido durante todo o trabalho.

### 5.1 Comentários em redes sociais relacionados ao regionalismo geográfico



Figura 01 – arquivo da autora coletado na internet. Figura 02 – arquivo da autora coletado na internet



Figura 03 – arquivo da autora coletado na internet Figura 04 – arquivo da autora coletado na internet

Mas concordo, nordeste podia tacar fogo

8 min Curtir

Figura 05 – arquivo da autora coletado na internet

Que é fato que existem um número de preconceitos regionais e linguísticos no Brasil já sabemos, mas o que é mais "chocante" é a maneira e naturalidade como as pessoas externam esse ódio e essa ignorância ao se expressarem diante da multiculturalidade em abundância que o país apresenta, a qual deveria ser motivo de orgulho e curiosidade entre os brasileiros que vivem em diferentes regiões.

Nas imagens coletadas na internet, podemos observar a presença do preconceito puro e sem a menor preocupação de "esconder" por parte dos internautas que estão sendo preconceituosos, o que é preocupante e nos faz questionar até que ponto essa pessoa chegaria por conta do seu descaso e ignorância?! A internet é um meio de extrema disseminação, tanto para bem, quanto para o mal. Nesse caso essas pessoas decidiram utilizar esse espaço para o mal e para espalhar ódio e preconceito em relação a região do Nordeste, a qual foi taxada de "atrasada" por muitas pessoas de diferentes lugares simplesmente por não conhecerem esse lugar tão rico e especial do Brasil. Infelizmente a falta de conhecimento, acesso às culturas foi uma realidade e a educação necessária para lidar com situações de diversidade foi escassa.

Hoje em dia sabemos que a internet é o meio principal de expressão e interações usado por muitas pessoas. É uma pena que nem todos usam isso para o bem. Contudo, não é "o fim". Existem maneiras de evitar que tanto ódio se prolifere no nosso país e esse meio se dá por intermédio da educação que abre portas e mentes e é por meio dela que nós podemos melhorar a visão das pessoas que não possuem empatia diante da nossa ampla diversidade cultural, a verem o mundo e as diferenças existentes nele sob uma perspectiva mais acolhedora e sem desigualdades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise qualitativa realizada através da observação dos vídeos dos alunos do ensino fundamental com seus sotaques e o regionalismo presente em suas falas, em conjunto com a análise da problemática da reprodução de preconceitos e divisões sociais existentes no meio virtual (por meio da avaliação da discussão emitida através de comentários de ódio), permite algumas considerações acerca do tema estudado nesse trabalho. Duas dessas considerações, pela recorrência, se fazem mais preocupantes: a não preocupação em trazer para as crianças essencialmente tanto quanto qualquer outra matéria, um ensino em que elas possam ter acesso a informação de que não precisa existir um padrão de fala num país o qual possui em seu amplo território e uma multiculturalidade, outrossim é o ódio atrelado ao preconceito presente nas pessoas os quais são e foram expelidos através dos exemplos trazidos pelos comentários feitos nas redes sociais.

Visando este aspecto, nota-se que a aplicação do conhecimento sobre os diversos tipos de preconceitos, bem como o regionalismo por meio da educação provida pela escola e familiares desde o crescimento da criança, faz-se necessário e é imprescindível para que tenhamos pessoas mais empáticas em nossa sociedade. Percebe-se que a união dos sistemas que fazem parte da educação das crianças seria

interessante, uma vez que a fase de desenvolvimento das mesmas é crucial para sua formação como cidadãos conscientes em uma sociedade a qual possui “caixinhas”, mas essas crianças, tendo o conhecimento adequado, não precisam se encaixar nelas se não quiserem, lidando melhor em seu cotidiano no que diz respeito às diferenças encontradas no percurso da vida.

A partir das contribuições de autores como Labov (1968), Smith(1988), Thrift (1996), Bagno (1999), Libâneo (2007), Silva (2012), pudemos constatar o quanto o regionalismo faz parte da essência cultural de cada região e o quanto é presente o preconceito linguístico em nossa sociedade. Segundo Bagno (1999), o preconceito linguístico procede da construção de um padrão imposto por uma “elite” econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo imposto e estabelecido como um “padrão” a ser seguido no que se refere à maneira de falar. Além disso, está profundamente interligado a outros preconceitos também muito vigentes na sociedade, pois um preconceito pode levar a outro e, assim, gerar uma “bola de neve” a qual infelizmente pode tornar uma sociedade doente, ignorante e mal educada no que diz respeito à tolerância e à empatia.

Assim, espera-se que este trabalho possa incentivar estudos posteriores e também práticas de ensino que busquem mostrar para os alunos desde a suas séries iniciais escolar, que a diversidade cultural, regional e linguística é normal, fazendo com que eles não reproduzam ou multipliquem os sentimentos e os discursos de ódio, não só por meios como a Internet, mas também em posicionamentos e pensamentos em diversas situações as quais eles terão que lidar a medida em que forem crescendo.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed. 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica: em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FREIRE, P. **À sombra dessa mangueira**. 4. ed. São Paulo: Olhos D’agua, 2005b.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos et. al. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. Coleção Docência em Formação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PERINI, Mário A. (1996): **Gramática descritiva do português**. 2a ed., São Paulo, Ática. PERINI, Mário A. (1997): **Sofrendo a gramática**. São Paulo, Ática.

SMITH, N. (1988): **The region is dead! Long live the region!** Political Geographical Quarterly. Vol. 7, n. 2, abril. Newcastle-upon-Tyne: Depto. de Geografia.

SILVA, Valdecy Margarida. **Alfabetização e Letramento: contribuições à formação de professores alfabetizadores da Educação de Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro, 2012.

THRIFT, N. (1990, 1991, 1993): **For a new regional geography 1, 2, 3.** Progress in Human Geography vol. 14, 15 e 17.

THRIFT, N. (1996): **Visando o âmago da região.** In: Gregory, D. et al. (orgs.) Geografia Humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, LABOV, W. E Herzog, M. **Empirical Foundations for a Theory of Language.** In: W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.). Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha professora e orientadora, Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, por ter aceitado acompanhar-me neste projeto e ter adotado a causa como se fosse sua. Isso fez toda diferença, pois foi através da sua aceitação e doação diante das ideias trazidas que tudo isso foi concluído. O seu empenho e paciência foram essenciais para a minha motivação à medida que as dificuldades iam surgindo ao longo do caminho.

Além disso, expresso minha gratidão a todos os profissionais do Departamento do curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, por todo o apoio que me deram ao longo da minha trajetória.

Agradeço especialmente aos professores do Curso, que me forneceram todas as bases necessárias para a realização deste trabalho. Agradeço com profunda admiração pelo profissionalismo, pois foi através dele que não só eu, mas vários outros alunos conseguiram conquistar o tão sonhado diploma.

Também gostaria de expressar minha gratidão a todos os meus colegas que caminharam ao meu lado nessa jornada. Foram muitas as dificuldades no caminho, mas vencemos todas elas.

Por fim, agradeço à banca de avaliação deste trabalho, que está dedicando um pouco do seu tempo para ler este artigo e contribuir com um pouco mais de conhecimento.

Meu muito obrigada a todos e a todas!